



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Partir para ir ver o mundo

Sempre me interessou muito a história da passagem de Jacques Brel pelos Açores – pela ilha do Faial, em 1974. Desde que soube do episódio nunca mais o larguei. E, com o Dinarte Branco, o Paulo Abreu, o Sérgio Gregório, o João Prazeres, o Feliciano Branco e a Inês Eva, concretizei, há cerca de dez anos, uma peça sobre esse encontro do autor de “La Quête” com a cidade da Horta e sobre o nascimento de uma amizade verdadeira com o médico Luís Carlos Decq Mota.

Lembro alguns factos. Com 38 anos, numa altura em que enchia salas, Brel resolveu abandonar os palcos. Mágico o desejo de percorrer os mares no seu iate. Depois de passar pelo arquipélago açoriano e por outros, como o das Canárias, acabou, sabem muitos, os seus dias nas Ilhas Marquesas.

Nunca mais abandonei, reforço, essa fase da vida de uma personalidade complexa, sempre apostada em viver com risco e perigo. E, aliás, estou a prolongá-lo para o estender num livro. Continuo a escavar pormenores e a inventar outros – porque muitas vezes não há melhor forma para investigar do que fazer uso da imaginação. Invento episódios, histórias relacionadas com os dados, com as letras, com as motivações, com as provocações constantes que o Grand Jacques fazia nas entrevistas.

Faço a pergunta: qual a pertinência de contar a história da partida num iate de Jacques Brel depois de ter resolvido abandonar os concertos, o seu muito suado percurso artístico? A circunstância de contar uma boa história de afeição entre dois desconhecidos no meio do Atlântico? Sim. Uma amizade, mesmo que breve, merece ser sempre contada. Jacky, doente, encontrou no médico que o atendeu, quando apresentou uma tosse persistente, uma pessoa com quem pôde descobrir uma forma de cumplicidade simples, pura. Não alguém que se queria aproveitar dele para se vangloriar ou transmitir informação aos jornais e às revistas.

Mas há mais um ponto que torna esta narrativa relevante. Brel, no coração apodrecido do ruído, resolveu ir-se embora. Como ele tantas vezes dizia, “é preciso ir ver”. Para usar os termos de hoje, o artista fez *logoff*. Disse adeus ao acessório e à exposição permanente. Realizou a fantasia que muitos vão reve-

lando aos poucos. O de se evadirem do vício de terem de se contar em cada instante. De estarem sempre ligados.

O autor de “Une Île” acabou por encontrar uma ilha que nomeou numa canção, cumprindo o desejo de atravessar os mares de barco e de, mais tarde, exercitar os ensinamentos recebidos num curso sobre pilotagem.

“Uma ilha, uma ilha ao largo da esperança, onde os homens não terão medo”. O medo de deixar fugir o mundo se este não for exposto.

2 de Setembro de 1974. Horta, ilha do Faial, Açores, Portugal. O Telégrafo noticiou a chegada de um novo barco. O 134.º iate a entrar na cidade naquele ano. Havia alguns equívocos na notícia. Askoy estava mal escrito. O iate pesava 42 e não 45 toneladas. Não tinha cinco mas sim três tripulantes. Não seguia para a Graciosa mas para a Madeira. O nome Georges Brel estava correcto. Quando se apresentou às autoridades marítimas, para não ser reconhecido, Jacques Romain Georges Brel preferiu usar os dois últimos nomes do bilhete de identidade. Já aportado, recebeu uma notícia medonha, trazida num telegrama: a da morte de Jojo.

“Com o coração bem aconchegado e os olhos postos na cerveja da tascas da Adrienne de Montalant, eu, o meu amigo Jojo e o meu amigo Pierre, bebíamos os nossos vinte anos... O Jojo fazia de Voltaire, o Pierre de Casanova, e eu, e eu que era senhor do meu nariz... eu fazia de mim mesmo!”

Em “Les Bourgeois”, a canção em que Brel fala das provocações de quando se tem 20 anos, nomeia George Pasquier, conhecido por Jojo. Companheiro de delírios vários, conselheiro de embaraços emocionais. Aquele que lhe conhecia todos os segredos, todas as sombras, as que nem as canções revelavam. E que lhe ia dizendo, com franqueza, o que pensava das suas canções.

Foi de barco do Faial até à Terceira e, na sequência disso, viajou até França para estar presente no enterro do seu melhor amigo. “O próximo a ir sou eu”, disse à cunhada de Jojo, o seu melhor amigo, imóvel, morto, dentro de um caixão. De regresso aos Açores, o comandante George Brel, aquele que usava todos os

estratagemas para escapar à perseguição jornalística europeia, trazia do mar uma espécie de moreia. Subia-lhe a garganta e voltava a esconder-se na rocha dos pulmões: uma tosse. Estava doente, capturado por um catarro infinito, impossível de ocultar.

Foi vê-lo à marina o médico Luís Carlos Decq Mota. Este começou por não o reconhecer e, partilhando com ele a sua origem familiar belga, convidou-o para ir à casa de férias, no Varadouro, onde poderiam partilhar uma boa refeição e um bom banho. Assim aconteceu.

12 de Setembro de 74. Brel foi com a filha e a namorada, companheiras de viagem, ao bar Peter. Era apenas mais um navegador estrangeiro num sítio habituado a receber navegadores de diversos lugares do mundo. Gente que estava ali para folgar do esforço oceânico. Para beber copos, palestrar sobre as aventuras, os feitos soberbos e as contrariedades.

O seu disfarce de navegante desganhado era convincente. Mas acabou por ser reconhecido e, após ter convivido e bebido, deixou um postal com uma mensagem amável junto à fotografia do seu barco. Nas Marquesas, posteriormente a um período de resguardo, na qual se pode dedicar a prazeres mínimos mas significativos como a culinária, a 9 de Outubro de 78, morreu. Verificou-se após um período de grande sofrimento, durante o qual ainda se superou para gravar um último disco – que tenho em exposição no escritório como quem se recorda de um amigo que nunca conheci.

Mesmo doente continuou a ser perseguido pelos paparazzi. Foi enterrado em Hiva Oa, ao lado do túmulo de Paul Gauguin. O seu avião, Jojo (sim, foi assim baptizado), está guardado num hangar, onde pode ser visitado e admirado. Nalguns dos portos por onde passou até chegar ao destino no Pacífico, fez questão de enviar postais ao seu amigo açoriano.

Partilha final. Quando editar o livro irei dedicá-lo aos meus filhos e a Sérgio Paixão, breliano devoto, uma das pessoas decisivas para me revelar a história, tradutor das letras do cantor belga, arrumadas no blogue O Canto do Brel. É questão de fazer uma visita. Ainda está aberto a quem queira lembrar que a vida é para ser vivida com intensidade.

Ventura exige “solução política” da República para cortes no POSEI

O deputado do PSD/Açores na Assembleia da República António Ventura exigiu do Governo uma “solução política” que compense a Região pelos cortes propostos pela Comissão Europeia no programa POSEI.

“Existe já um défice de 10 milhões de euros no POSEI e a Comissão Europeia pretende fazer um corte adicional de 3,9%. Há um compromisso do Primeiro-Ministro, desde 2016, de criação de um envelope financeiro adicional, no âmbito do POSEI. Este compromisso do Governo da República tem de ser cumprido”, afirmou o parlamentar social-democrata açoriano.

António Ventura, que falava numa audição à Ministra da Agricultura no âmbito do debate na especialidade da proposta do Orçamento do Estado para 2021 (OE 2021), salientou que, face ao compromisso do Primeiro-Ministro em relação ao POSEI, “exige-se uma solução política para o problema”.

“O OE 2021 vai prever a ajuda necessária, através de um envelope financeiro complementar para o POSEI? Ou vai ser criado um programa adicional? O que não pode acontecer é não haver uma ajuda da República aos Açores, pois há um compromisso do Primeiro-Ministro nesse sentido”, sublinhou.

Lara Martinho: “discordamos totalmente dos cortes”

Já a deputada socialista açoriana Lara Martinho afirmou que as actuais dotações do POSEI “já não são suficientes para responder às necessidades de desenvolvimento do sector, bem como dos beneficiários”, tendo sido inclusive necessária a aplicação de rateios no pagamento de diversas ajudas.

A deputada do PS/Açores à Assembleia da República, que participava na audição a Maria do Céu Albuquerque, recordava

que, no âmbito da discussão do próximo Quadro Financeiro Plurianual, foi apresentada pela Comissão Europeia uma redução de 3,9% do envelope financeiro do POSEI, proposta da qual “discordamos totalmente”.

Na ocasião, Lara Martinho questionou ainda sobre a taxa de execução do programa VITIS, bem como sobre as perspectivas para o ano de 2021 em termos de Orçamento de Estado, sublinhando a importante aposta dos Açores na recuperação das vinhas através deste regime de apoio à sua reestruturação e reconversão, que foi recentemente reforçado e totaliza 73,5 milhões de euros.

Em resposta, Maria do Céu Albuquerque afirmou que Portugal, desde o primeiro momento em que foi apresentada a primeira proposta do Quadro Financeiro Plurianual (QFP) defendeu que o POSEI não podia vir a ser prejudicado.

“A discussão do POSEI é feita no âmbito

do QFP, em que se prevê, por proposta da Comissão Europeia, que haja uma redução de 3,9% do envelope financeiro, com a qual não concordamos, e que temos vindo sempre a manifestar a nossa questão em relação a esta matéria”, afirmou a Ministra da Agricultura que sublinhou ainda terido sempre em consideração esta posição nacional no decurso da negociação sobre o acordo de negociação da PAC.

Segundo a ministra, Portugal, Espanha, França e Grécia, apresentaram a 16 de outubro uma declaração conjunta à presidência do Conselho da Agrifish, para a manutenção do envelope do POSEI, tendo na semana passada, estes mesmos Estados-membros, alertado junto da Comissão Europeia para a importância deste programa, “nomeadamente para as nossas ilhas”, por saber bem “quão difícil é a diversificação da actividade económica, e bem sabemos o peso que a agricultura tem no desenvolvimento da Madeira e dos Açores”.